

## ***Brasil oiticica: um resgate histórico da agroindústria de Pombal – PB - Brasil***

*Eighthic Brazil: a historical rescue of the loft agroindustry – PB - Brazil*

*Taciana Santos Assis Pinheiro<sup>1</sup>, Andréa Maria Brandão Mendes de Oliveira<sup>2</sup>, Aline Carla de Medeiros<sup>3</sup> e Patrício Borges Maracajá<sup>4</sup>*

**RESUMO** - O resgate da história popular de um determinado lugar faz sentido como objeto de estudo, quando buscamos compreender as grandes transformações de ordem política e social gerada ao longo do tempo, mas que contribuíram de forma positiva para uma renovação na pesquisa através de fontes variadas que comprovam as experiências daqueles que constituíram como verdadeiros protagonistas do saber histórico. O presente trabalho apresenta um relato histórico do município de Pombal Estado da Paraíba, com ênfase no desenvolvimento industrial que contribuiu para a instalação de uma das mais importantes empresas: “A Brasil Oiticica S.A.”. Durante o processo de exploração das terras pombalenses, habitadas por indígenas, um bandeirante português chamado Teodósio de Oliveira Ledo em meados de 1698 iniciava a colonização no Arraial de piranhas, considerada a primeira vila que se fundou no sertão da Paraíba. Esse trabalho traz uma proposta de investigação a partir de documentos históricos sobre o surgimento de uma importante indústria para a cidade de Pombal, suas contribuições econômicas e sociais que marcaram época das antigas gerações, resguardando através dos registros que ficaram belas histórias daqueles que não viveram na década de 30, período da instalação da Brasil Oiticica. Tomar o acesso à informação de caráter público é relevante para atender as necessidades sociais, deixando marcas de algo que fez parte da história do nosso povo. Acredita-se na possibilidade deste estudo contribuir com futuras pesquisas acerca do tema proposto, aprimoramento de discussões voltadas à temática apresentada, de forma que se busque contribuições históricas, lingüísticas, fotográficas através de registros adquiridos, a História e a memória de uma sociedade.

**Palavras-chave:** Agroindústria; Acesso à Informação; Desenvolvimento Industrial.

**ABSTRACT** - The rescue of the popular history of a certain place makes sense as an object of study, when we seek to understand the major political and social transformations generated over time, but which have contributed positively to a renewal in research through various sources that prove the experiences of those who constituted the real protagonists of historical knowledge. The present work presents a historical account of the municipality of Pombal Estado da Paraíba, with an emphasis on industrial development that contributes to the installation of one of the most important companies: “A Brasil Oiticica S.A.”. During the process of exploring Pombal lands, inhabited by indigenous people, a Portuguese bandeirante named Teodósio de Oliveira Ledo in the middle of 1698 began colonization in Arraial de piranhas, considered the first village that was founded in the Paraíba hinterland. This work brings a research proposal based on historical documents about the emergence of an important industry for the city of Pombal, its economic and social contributions that marked the time of the old generations, safeguarding through the records that were beautiful stories of those who did not live in 1930s, period of the installation of Brasil Oiticica. Making access to information public is relevant to meeting social needs, leaving marks of something that was part of the history of our people. It is believed that this study may contribute to future research on the proposed theme, improving discussions focused on the theme presented, in order to seek historical, linguistic and photographic contributions through acquired records, the history and memory of a society.

**Key words:** Agribusiness; Access to information; Industrial Development

Recebido em 02/09/2020; aceito em 05/11/2020 e publicado em 09/12/2020

Este artigo faz parte do TCC do Mestrado em Sistemas Agroindustriais (PPGSA/CCTA/UFPG - Pombal – PB Brasil da primeira autora e orientação da segunda autora., como parte dos requisitos necessários para sua conclusão,

<sup>1</sup> Mestranda pelo PPGSA/CCTA/UFPG/Pombal – PB – Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-3599-4186> e <http://lattes.cnpq.br/1024416480376271>.

Professores (as) do PPGSA/CCTA/UFPG/Pombal – PB – Brasil: <http://lattes.cnpq.br/7363025139137477> e <https://orcid.org/0000-0003-2313-1508><sup>2</sup> (orientadora); <http://lattes.cnpq.br/6587099361548333> e <https://orcid.org/0000-0002-0161-3541><sup>3</sup>; <http://lattes.cnpq.br/5767308356895558> e <https://orcid.org/0000-0003-4812-0389><sup>4</sup>

**RBFH ISSN 2447-5076 (Pombal – PB, Brasil), v. 9, n. 2, p. 172-188, jul. - dez., 2020**

<http://www.gvaa.com.br/revista/index.php/RBFH>

## INTRODUÇÃO

Segundo o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) divulgado em 2013, o IDHM da cidade de Pombal PB está em 0,634 o que é considerado um IDHM de médio desenvolvimento humano, levando-se em consideração de que o IDH dos municípios varia de 0 a 1, quanto mais próximo de zero, pior o desenvolvimento humano; quanto mais próximo de um, melhor (COSTA, et al, 2020).

De acordo com o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) divulgado pelo ministério da educação em 2014, a média ficou entre 3.7 e 4.1 para anos iniciais do ensino fundamental, índices considerados medianos tendo em vista que nos países desenvolvidos índices abaixo de 6 são considerados insatisfatórios.

A Industria Brasil Oiticica Foi fundada no fim do século XVII, sendo elevada a vila em 1766 e em 1862 elevou-se a cidade. O município destaca-se pela bela arquitetura de seu centro histórico. Foi a primeira civilização do sertão paraibano.

**Figura 1.**



Pombal e sua arquitetura antiga. (Fonte: Acervo de Verneck Abrantes de Sousa) (SOUSA, 1999;2002 e 2007)

Dados do Departamento de Ciências Atmosféricas, da Universidade Federal de Campina Grande, mostram que Pombal apresenta um clima com média pluviométrica anual de 724,9 mm e temperatura média anual de 27,0 °C.

Apesar do cenário de escassez hídrica, atividades agrárias se desenvolviam bem, e gradativamente atendia as necessidades da população movida por uma economia de subsistência. A privilegiada localização, bem como a descoberta que a região possuía uma quantidade abundante de árvore de oiticica despertou o interesse de empresários no ramo agrícola e industrial para a instalação

da fábrica da Brasil Oiticica S.A, no município de Pombal início da década de 1930, paralelo a crescente expansão do pioneirismo industrial estrangeiro ( SANTOS, .

Por contar com uma localização privilegiada a cidade de Pombal destacou-se por forte tradição nos setores agrícola e pecuária ao ponto de elevar o município à condição de maior bacia leiteira do Estado da Paraíba o que entre outros aspectos corroborou para chegada das futuras indústrias no município.

As possibilidades de industrialização através da extração do óleo da Oiticica, árvore típica da região semiárida do Nordeste brasileiro se solidificou após conclusão da pesquisa feita com sementes colhidas no município de Icó Estado do Ceará, analisadas em laboratórios estrangeiros sob a condução dos empresários: Carlito Pamplona, Franklin Gondim e Morris Edward Marvin, que contratou nos Estados Unidos o Dr. Gardner, pois havia dúvidas sobre a densidade do óleo, uma vez solucionado o problema, comprovou-se que o insumo extraído da oiticica tomaria um líquido permanente e atenderia às necessidades do mercado local e nacional. Pamplona, Gondim e Gardner fundaram o grupo no Ceará, após comprovação laboratorial.

Em 1932, a empresa Brasil Oiticica S.A que já existia em Fortaleza – CE buscava por uma cidade para a instalação de uma unidade filiada. Pombal foi à cidade escolhida, pois apresentava uma área de grande concentração de árvores de oiticica, dispondo também de mão-de-obra barata em grande escala (MIYASAKI, 2020).

Na Segunda metade da década de 1930, o mundo passava por um período de reconstrução social pós-primeira guerra mundial. Pensar na instalação de uma indústria no interior do Nordeste do Brasil era uma ideia audaciosa. Nessa época, o Brasil vivia um momento de intensa mobilização política.

A Era Vargas (1930-1945) investia no comércio exterior, buscando alternativas de desenvolvimento econômico frente à Alemanha e os Estados Unidos que tinham interesse apenas em comercializar seus produtos ((SOUSA, 1999; 2002 e 2007). As matérias primas comercializadas atendiam as necessidades estrangeiras, tais como: borracha, cristais, minério e óleos vegetais, sendo este último o que era abundante na região Nordeste e despertava a curiosidade das empresas internacionais (PALHARES, 2020).

*” O processo de industrialização brasileiro ocorreu concentrado nas regiões Sudeste e Sul do País, promovendo um acentuado atraso em relação às demais regiões (Norte, Nordeste e Centro Oeste). Durante décadas, a dinâmica industrial brasileira conduziu o processo de aglomeração nas regiões de maior potencial, elencado pela*

*infraestrutura e pela constituição de um espaço dinamizado pelas ações de acumulação de capital” (SILVA, FILHO E QUEIROZ, 2015).*

Sob uma perspectiva histórica, a industrialização brasileira se desenvolveu tardiamente quando comparadas aos chamados países desenvolvidos. Durante o período colonial até a primeira metade do século XX, apesar de apontar um processo de industrialização em algumas regiões do país, a economia brasileira ainda estava concentrada no método agroexportador, baseada no cultivo agrícola de produtos, como café, açúcar e algodão destinados à exportação, a exemplo do Estado de São Paulo que se destacava com a agricultura cafeeira. O café era um produto altamente lucrativo e gerava acúmulo de capital para o crescimento da economia industrial. O fortalecimento do setor industrial exigia do país uma melhor adequação da infraestrutura com linhas férreas, agências bancárias e produção local de insumos que atendiam as necessidades da época (SANTANA, 2007).

De acordo com Rodrigues e Filho (2015) “foi a partir de 1930 que o processo de industrialização brasileiro passou a ganhar maior dinamismo, chegando a completar os elos da sua cadeia na década de 1970”. A mão de obra empregada era farta e de baixo custo, proveniente de trabalhadores rurais dispostos a corroborar com crescimento das indústrias. Após a independência do Brasil, a estrutura industrial manteve-se a mesma, embora fosse de domínio Britânico, ou seja, o Brasil com as taxas de importação baixas ficava inviável de competir com a produção estrangeira. A Inglaterra, por exemplo, importava suas mercadorias, enquanto o Brasil se submetia à condição de mercado cativo frente à indústria inglesa. Esta situação implicava em uma dependência econômica para se manter no sistema industrial vigente.

Nesse contexto de economia nacional, o Estado da Paraíba se encontrava em formação e o município de Pombal era um vilarejo buscando integrar-se aos moldes da modernidade. Teodósio de Oliveira Ledo dava início à exploração do Arraial de Piranhas que posteriormente seria elevada a categoria de vila com o nome de Vila Pombal, em homenagem a Sebastião José de Carvalho e Melo “o Marquês de Pombal” então ministro da Corte portuguesa. Durante esse período vivia-se a economia era de subsistência, concentrada na zona rural, mas havia uma relação harmoniosa entre os trabalhadores e proprietários no setor econômico.

Os pequenos agricultores não tinham qualificação suficiente para realizar as tarefas no setor industrial, constituía assim, desta feita, a mão de obra era composta por pessoas de baixa qualificação profissional e de baixo custo financeiro, favorecendo do setor do capital.

**Figura 2.**



Prédio onde funcionou a Brasil Oiticica (Fonte: Acervo de Verneck Abrantes de Sousa) (SOUSA, 1999;2002 e 2007)

A chegada de uma unidade industrial naquele momento acarretou mudanças no padrão e modo de vida da maioria dos habitantes da cidade. Vivenciava-se a partir de então a chegada de “novos tempos”, indícios da “modernidade”, que iria impactar diretamente os hábitos e costumes dos pombalenses. Com o processo de industrialização se instalando no município acarretou mais recursos financeiramente e melhoria de renda dos seus habitantes.

*“Em Pombal, as práticas boêmias tornaram-se um pouco mais frequentes a partir de meados dos anos 1930, de forma que a diversão começava já no Bar Junqueira, onde os homens podiam beber uma “meota”<sup>58</sup> ou talvez uma, duas doses de conhaque Cinzano ou Vermute. Também era possível jogar um pouco de sinuca para passar o tempo e melhorar os ânimos”* WANDERLEY JUNQUEIRA, 2019).

Assim, a vida cotidiana dos habitantes da cidade de Pombal passou a apresentar novos hábitos caracterizando uma mudança no estilo e padrão a partir da instalação da unidade da Brasil Oiticica S.A, no município. Porém, no aspecto local apesar agitado pelo processo de transformação político/industrial que vivia o Brasil na década de 1930, esse cenário não se refletia de maneira direta na sociedade pombalense o que pouco impactava no padrão de vida dessa pequena e pacata cidade no interior paraibano.

Figura 3.



Local de confraternização de casais ao lado da Brasil Oiticica em 1951 **Fonte:** Foto Lot Medeiros

### Caracterização do município de Pombal – PB

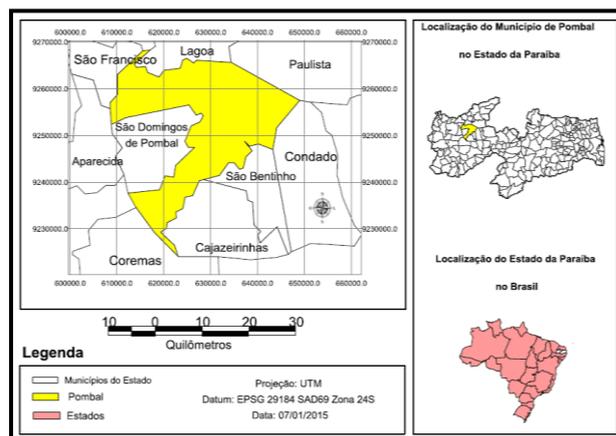
Pombal é um município brasileiro localizado no Estado da Paraíba, inserido na mesorregião do Sertão Paraibano e microrregião de Pombal. Distante 378 km da capital João Pessoa. Sua área territorial corresponde a 888, 807 (Km<sup>2</sup>). Seus limites geográficos são: A Leste com os municípios de São Bento e Condado, ao sul Cajazeirinhas, Coremas e São José da Lagoa Tapada, ao Norte Paulista, Lagoa e Santa Cruz, ao oeste Aparecida, São Domingos de Pombal e São Francisco. De acordo com o IBGE (2010) a população do município era de 32.110 habitantes. Para 2015 a estimativa era de 33.712 habitantes e densidade demográfica em 2010 hab./km<sup>2</sup> de 36,13. A economia do município é denominada pela agricultura, comércio interno, indústria e o setor de serviço.

É a quarta cidade mais antiga do estado, o primeiro núcleo de habitação do sertão paraibano, e a segunda maior do estado da Paraíba em questão territorial possuindo 889km<sup>2</sup>, o que representa 1,58% da superfície total do estado.

A taxa de crescimento anual é de 1,86%, possuindo o 18º maior IDH da Paraíba, e a expectativa de vida no município é em média 66,2 anos. O município tem 25.955 eleitores, 11.284 domicílios residenciais e 721 estabelecimentos comerciais. A economia é dominada pela agricultura, comércio interno e algumas fábricas. Está localizada a uma altitude de 184 metros. De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no ano de 2010 sua população era estimada em 32.443 habitantes.

O município de Pombal encontra-se inserido nos domínios da bacia hidrográfica do Rio Piranhas, entre a sub-bacia do Rio Piancó e a região do Médio Piranhas. A vegetação é basicamente composta por *Caatinga Hiperxerófila* com trechos de *Floresta caducifolia*. O clima é tropical semiárido com chuvas de verão. (AESA, 2016).

Figura 4 :



Localização do município de Pombal estado da Paraíba **Fonte:** SILVA, J.I.S. (2018).

Em condições normais, a estação chuvosa começa em meados de janeiro e dura até o fim do segundo decêndio de maio. As chuvas no município dependem de Vórtices Ciclônicos em altos níveis que atuam de novembro a março com máximo em janeiro, de ocasionais entradas de distúrbios ondulatórios de leste nos meses de abril e maio e, principalmente, da zona de convergência intertropical, que atinge sua máxima posição ao sul da linha do Equador em março/abril. Normalmente, a estação seca se inicia no mês de julho, prolongando-se até a primeira quinzena de dezembro, sendo que algumas chuvas de verão podem ocorrer nos meses de outubro e novembro (a citar o exemplo de outubro de 2010, quando foram registrados mais de 200 mm na cidade).

De acordo com dados da Aesa, de 1994 até atualmente, o maior volume diário de chuva ocorreu no dia 18 de janeiro de 2004, 223 mm. Outros grandes volumes diários foram de 151,2 mm no dia 04 de fevereiro de 2004, 138,4 mm no dia 17 de abril de 2000, 123 mm no dia 14 de fevereiro de 2007, 120,4 mm no dia 23 de outubro de 2010, 118,4 mm no dia 18 de março de 1995, 112 mm no dia 01 de março de 2006, 109 mm em 12 de março de 2014, 105 mm no dia 19 de março de 2008, 102 mm no dia 27 de agosto de 2009, 100,8 mm no dia 06 de maio de 2011, e 100,2 mm no dia 18 de abril de 1996. O maior volume de chuva em um mês foi registrado em janeiro de 2004, 575,4 mm.

## OITICICA (*Licania rígida* Benth)

### Descrição e utilização

A Oiticica (*Licania rígida* Benth), pertencente à família *Chrysobalanaceae*, é uma planta típica do sertão nordestino é encontradas principalmente nos estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba, em altitude de 50 até 300 m, desenvolvem-se preferencialmente em solos aluvionais próximos as margens de rios (BRANDÃO, et al.2018).

A *L. rígida* pertence à família *Chrysobalanaceae*, a qual compreende aproximadamente 20 gêneros e 500 espécies, as quais são representadas por árvores e arbustos. O gênero *Licania* é composto por 250 espécies. A *L. rígida* é endêmica da região Nordeste do Brasil, possui copa densa, tronco curto, folhas simples de forma oblongas ou as vezes arredondadas, contendo apenas uma única semente onde a mesma é rica em óleo (MELO, 2015).

O semiárido brasileiro apresenta grande diversidade de oleaginosas, cujo cultivo é restrito a fins alimentícios, no entanto, há um grande potencial a ser explorado, principalmente em relação ao aproveitamento energético de culturas temporárias e perenes (BELTRÃO; OLIVEIRA, 2007). Neste sentido, de acordo com Duque (2004) e Maia (2004), a funcionalidade do óleo extraído do fruto de *Licania rígida* Benth (oiticica) está na fabricação de tintas para impressoras de computadores e pintura de automóveis, indústria de vernizes, além de ser matéria-prima para saboaria e, ainda, segundo Beltrão e Oliveira (2007), pode também ser utilizado na fabricação de biodiesel, juntamente com outras oleaginosas (BRANDÃO, et al 2018) .

Ramifica-se pouco acima do chão, possui copa ampla podendo atingir de 15 a 20m de circunferência, armazena muitos nutrientes no caule e nas raízes na forma de água, hidratos de carbono, ácidos orgânicos dentre outros, para fins de sobrevivência em longos períodos de seca. A inflorescência da mesma se dá em forma de espigas racemosas, localizadas nas extremidades dos ramos, aparecem nos meses de julho até outubro com flores amareladas pequenas e hermafroditas. A floração é continua até 100 dias desde a primeira até a última flor. Logo que as últimas flores são fecundadas, os primeiros frutos aparecem com cerca de três cm (MAIA, 2004).

A Oiticica (*L.rígida* Benth), mantém-se verde o ano inteiro fornecendo sombra para o homem e o s animais, seu crescimento é lento, caracteriza-se pelo xerofilismo, perenidade de suas folhas, possui folhas grossas e ásperas, onde as mesmas são revestidas de uma cutícula espessa que as protege contribuindo dessa maneira para a diminuição da evaporação (BRANDÃO, et al.2018). Sua ocorrência destaca-se principalmente nos vales Paraíba, Acaraú, Jaguaribere, Açu, Apodi, Ipanema, Piancó, Piranhas e Rio do Peixe, locais esses onde são mais densamente florestados (DUQUE, 2004; SILVA FILHO, 2010).

Figura 5:



Árvore de Oiticica espécie vegetal do bioma caatinga.

Fonte: Clemildo-Brunet.blogspot.com. 2019

O florescimento da *L. rígida* ocorre nos meses mais quentes do ano, de até dezembro, já a maturação dos frutos ocorre durante os três primeiros meses do ano. As sementes dessa espécie são disseminadas por pássaros, morcegos e principalmente pela água, as mesmas se desenvolvem próximo aos rios e riachos, a germinação das sementes é considerada como tardia e desuniforme. Além da extração industrial do óleo de suas sementes, importante fonte de renda para muitos moradores da região produtora nas décadas de 1930 e 1950, a planta é também utilizada como planta medicinal, sendo as folhas bastante utilizadas na medicina caseira, no tratamento de diabetes e inflamações. As folhas de *L. rígida* onde por muitas vezes são utilizadas como alimentação animal no sertão paraibano, possuem ação tóxica causando compactação ruminal nos animais (MELO, 2015).

A frutificação da Oiticica (*L. rígida*) ocorre geralmente a partir do 3º e 5º ano, a mesma permanece fértil por até mais de 100 anos. A sua produção é bastante variada, normalmente atingem uma média de 75kg de frutos por planta, no entanto, a literatura reporta registros de produções médias de 100 a 200kg/planta anualmente. Entretanto, Queiroga et al. (2014) ressalta que essas produções foram obtidas em plantas de enxertadas.

De acordo com Melo et al. (2006) os frutos de Oiticica são drupáceos fusiformes ou ovalados, possui tamanho que varia de 4 a 6cm de comprimento, com aproximadamente 2cm de diâmetro, pesa aproximadamente de 4 a 7g e quando secos possui coloração castanha. O fruto possui em sua composição três camadas, sendo a ectodérmica, possui casaca verde, a mesodérmica semelhante a uma polpa e a endodérmica, que envolve a semente e se apresenta como uma massa amarelada, além da semente que possui coloração marrom, sendo a principal matéria prima para extração do óleo (ALMEIDA 2015).

Os oiticicais como são conhecidas as matas de oiticicas se concentram basicamente nas bacias hidrográficas do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba (SILVA et al. 2014). No entanto, os vales nordestinos apresentam-se mais densamente florestados, a exemplo do Paraíba, do Acaraú, do Jaguaribe, do Açu, do

Apodi, do Ipanema e do Rio do Peixe. Porém, já existem registros de dessa espécie na Mata dos Cocais na região Amazônica (GUIMARÃES, 2018).

A oiticica é bastante importante para a região, do ponto de vista ambiental apresenta-se como uma espécie arbórea perene, bastante resistente ao clima seco da região, permanece verde durante todo o ano, preserva as margens de rios e riachos.

Do ponto de vista social aparece como uma geradora de fonte de renda para a população, principalmente para a agricultura familiar, é uma oleaginosa sazonal e sua colheita ocorre de dezembro a fevereiro. A atividade surgiu como uma atividade secundária, no entanto, causando impacto econômico positivo, pois a mesma colabora com a absorção de mão de obra da população local envolvida (OLIVEIRA et al. 2012).

Com os frutos da Oiticica é possível realizar a extração de corantes naturais, matéria prima utilizada na fabricação de cosméticos. A casca que recobre a amêndoa é bastante rica em fibras, num passado recente foi bastante utilizada como ração animal, como também utilizada para fabricação de celulose. O fruto da Oiticica comercialmente é a parte da planta de maior interesse comercial, pois é dos frutos que se extrai a amêndoa para extração do óleo. Da oiticica se aproveita tudo desde suas folhas utilizadas na medicina caseira, troncos e frutos, que vão desde do aproveitamento da madeira para construção de casas e moveis e demais utensílios até ao óleo da semente na fabricação de combustíveis para iluminação além de sabão (GUIMARÃES, 2018).

De acordo com Vieira (2011) a Oiticica (*L. rígida*) possui uma grande importância para a região onde a mesma se desenvolve, pois, a mesma preserva as margens dos rios e riachos temporários na região da caatinga, como também, por produzir óleo secante. O óleo produzido a partir do fruto da *L. rígida* atualmente é empregado na indústria de tintas de automóveis e de impressoras a jato de tinta, além de várias outras utilidades. É uma planta que tem se destacado dentre as oleaginosas com um bom potencial para a sustentabilidade do biodiesel no semi-árido nordestino, tornando-se uma fonte de renda e de absorção de mão de obra para muitas famílias no meio rural nordestino.

Vários estudos comprovam os benefícios das folhas de Oiticica no tratamento de saúde, as folhas são utilizadas no tratamento de diabetes, cujo seus efeitos hipoglicemiantes e diuréticos têm comprovação farmacológica (MACEDO, et al. 2011). Vários estudos foram realizados os quais foram citados por Queiroga et al (2014) onde os mesmos relatam a aplicação do decoto das folhas (cozimento) ou maceração no combate a diabetes, essa prática é muito utilizada no nordeste do Brasil. Outro uso fitoterápico da folha de Oiticica é no tratamento de reumatismo e de doenças degenerativas com envolvimento de espécies reativas ao oxigênio. Também existem relatos do efeito terapêutico nos benefícios de doenças do estômago, diarreia e disenteria (CARTAXO et al. 2010).

Guimarães (2018) relata a importância dessa espécie como fonte de néctar para apicultura nordestina,

principalmente em função da espécie florescer exatamente no período seco do ano, período esse de grande escassez de flores. Estudos realizados na região de Catolé do Rocha PB, evidenciam a importância dessa espécie para os apicultores, relatando que no período de floração da Oiticica os apicultores chegam a realizar até três colheitas de mel, evidenciando, desta maneira, a importância ambiental, social e econômica dessa espécie (QUEIROGA et al. 2014).

#### **Composição química e utilização da oiticica (*Licania rígida* Benth)**

A Oiticica é uma espécie típica de matas ciliares da caatinga verdadeira, da caatinga do sertão, Seridó, do agreste piauiense e dos litorais cearense e norte rio-grandense, também ocorre nas bacias hidrográficas do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba, principalmente no Sertão e em altitude de 50 até 300 m. (PINTO, 1963) Os vales nordestinos mais densamente florestados com a oiticica são: o do Paraíba, do Acaraú, do Jaguaribere, do Açu, do Apodi, do Ipanema, do Piancó, do Piranhas e do rio do Peixe (DUQUE, 2004; MELO et al, 2009). Segundo Pinto, (1963), a amêndoa da *Licania rígida* oiticica da semente madura constitui cerca de 70 % do fruto e contém de 60 a 63 % de óleo.

Em se tratando de Oiticica a literatura é bastante pobre, pouco se encontra de pesquisas a respeito do óleo de Oiticica da semente verde, segundo Pinto (1963), se a composição química do óleo de fruto verde é a mesma composição do fruto seco, onde a maior parte é composta por ácidos graxos licânico (70 a 80%) e o linolênico (10 a 12%, com pequenas quantidades de ácido oleico, palmítico e esteárico. Podendo ser desenvolvido mais pesquisas para obtenção desses dados, visto que a espécie estudada poderá ser muito importante para a sustentabilidade do biodiesel no semiárido, principalmente por se tratar de uma espécie que frutifica no período de grande escassez de renda no nordeste brasileiro (SILVA, et al 2014).

As viscosidades de óleos de oleaginosas possuem valores elevados, o que já é esperado, uma vez que apresentam cadeias grandes e de elevadas massas moleculares que facilitam o entrecruzamento e dificultam o movimento. Não foi diferente com a oiticica, com o óleo sendo muito viscoso, pode dificultar a reação de transesterificação, por dificultar a homogeneização, o que em geral é resolvido, aumentando a razão óleo/álcool ou fazendo reação heterogênea ou ácida. A densidade e os pontos de fulgor e de combustão confirmam as propriedades discutidas acima. Para estes quanto maior for o peso molecular, maior será a energia necessária para produzir uma faísca (fulgor) ou para entrar em combustão (SILVA, et al. 2014).

Ainda de acordo com Oliveira (2012) em sua pesquisa obteve um teor de óleo de 65% para as sementes maduras, já para as sementes verdes o teor de óleo foi de 35%, demonstrando dessa maneira que as sementes maduras possuem um teor de óleo quase que o dobro das sementes verdes, no entanto, as sementes verdes possuem uma quantidade substancial de triglicerídeos, quando

comparados com outras oleaginosas, a exemplo do algodão 15%, e a soja com 18%, que são utilizadas na produção do biodiesel.

Estudos com as folhas da oiticica apresentaram benefícios a saúde, no tratamento do diabetes, cujos efeitos hipoglicemiantes e diuréticos têm comprovação farmacológica (MACÊDO, 2011). Vários autores citados por Queiroga et al. (2014) também elucidaram essa aplicação para combater a diabetes, a partir do decoto (cozimento) ou maceramento das folhas da oiticica, sendo essa prática da medicina popular no Nordeste do Brasil. Outro emprego fitoterápico popular dar-se ao tratamento de reumatismo e doenças degenerativas com envolvimento de espécie reativas do oxigênio, acrescenta Macêdo (2011), não sendo somente a *Licania rígida* Benth, mas também outras espécies dessa família, a saber, *Licania tomentosa* (Benth.). Efeitos terapêuticos indicando benefícios ao estômago, no combate a diarreia e disenteria também foram reportados (CARTAXO et al. 2010).

A medicina popular descreve que espécies da família *Chrysobalanaceae* são utilizadas na África no tratamento da malária, já a *Licania rígida* é usada no Brasil para o tratamento de diabetes com efeitos hipoglicemiantes e diurético comprovados farmacologicamente. No entanto, Castilho e Kaplan (2008), em pesquisa realizados com extrato de *Licania licaniae*, demonstraram a existência de flavonoides, o que lhe confere atividade antioxidante e extrato de *Licania michauxii* induz a morte celular, já a espécie *Licania tomentosa* inibi a atividade viral do herpes-simples, já os triterpenos isolados mostram citotóxicos (ALMEIDA, 2015).

Ainda dentro da perspectiva farmacológica, evidenciou-se o potencial da *Licania rígida* Benth como agente antimicrobiano devido a capacidade dos compostos, que a espécie possui, apresentar atividade antioxidante, também mostrarem-se ativos contra microrganismos patogênicos, como o fenômeno mostrado pelos compostos fenólicos e terpenóides destacados por outros pesquisadores. O pesquisador elucidou a composição química a partir do extrato da *L. rígida* analisado por cromatografia líquida de alta eficiência com detector "photodiodearray" (CLAE-DAD) e espectroscopia, e também fez alusão a outros colaboradores que atribuíram as sementes de oiticica a capacidade sequestradora do Radical 2,2-difenil-1-picrilhidrazila (DPPH•) e atividade antimicrobiana contra o *Staphylococcus aureus* (MORAIS, 2015).

### Óleo de oiticica

É basicamente na amêndoa do fruto da oiticica (*L. rígida*) que se encontra a maior parte do óleo, este corresponde a mais de 70% (m/m) do fruto. As sementes apresentam de 60 a 63% (m/m) de óleo. Melo et al. (2007) realizando pesquisa com o fruto de oiticica (*L. rígida*), encontrou teores médios de óleo nas sementes em torno de 54% (m/m), variando em 2% entre diversas extrações. Ainda de acordo com os mesmos autores, alguns fatores

podem ter contribuído para essa variação como: variabilidade genética, condições diferentes de cultivo, conservação e maturação dos frutos, tudo isso pode ter influenciado no teor de óleo nas sementes (GUIMARÃES, 2018).

Há bastante tempo durante o ciclo da cultura da Oiticica foram desenvolvidos vários estudos com o intuito de desenvolver métodos eficazes para a extração do óleo da semente dessa espécie, além de sua aplicação. Porém os métodos existentes na época eram eficazes, no entanto, foi necessária a caracterização física e química do óleo de Oiticica. O óleo de Oiticica apresenta-se como sendo líquido transparente ou gorduroso de acordo com a temperatura ambiente, porém, quando aquecido a altas temperaturas por alguns minutos, torna-se permanentemente líquido (ALMEIDA 2015).

De acordo com Queiroga et al. (2013; 2014) o teor de óleo nas amêndoas sofre drásticas reduções com o passar do tempo, para frutos recém colhidos o teor médio de óleo é de 61% (m/m) (7 dias), já para frutos maduros o teor de óleo varia de 60 – 54 % (m/m) (a partir de 30 dias). A medida que o tempo vai passando o teor de óleo vai diminuindo, ao final de 01 ano o teor de óleo pode diminuir para 17,8%.

Ainda que o produtor armazene bem os frutos ocorre perda no teor de óleo presente nas amêndoas, pois, o mesmo oxida rapidamente. Por esse motivo para que se consiga um bom rendimento de óleo é necessária uma boa logística, após a colheita e secagem realizada para reduzir a umidade nos frutos, é recomendado o transporte para uma unidade de beneficiamento para que os mesmos passem pelo processo de extração de óleo e que obtenha um bom rendimento de óleo (GUIMARÃES, 2018).

O óleo de oiticica é utilizado a bastante tempo, no período da segunda guerra mundial o referido óleo era bastante utilizado na indústria siderúrgica no processo de produção de ferro e aço, os quais eram empregados na fabricação de material bélico navios, aviões, tanques, canhões, fuzis, metralhadoras dentre outros. Na indústria bélica o óleo era empregado nas linhas de produção de montagens, era usado como um composto químico para proporcionar uma maior consistência ao produto (GUIMARÃES, 2018).

Grande parte do óleo de oiticica produzido no Brasil era destinado ao comércio exterior, principalmente para os Estados Unidos, México, Itália, Inglaterra entre outros. No entanto, praticamente menos da metade do óleo produzido no Brasil era consumido pelo mercado interno de óleos secativos. Para tanto, o preço do óleo de oiticica no mercado internacional depende de vários fatores como: a produção de óleos concorrentes produzidos em outros países, a exemplo do tungue, perila e linhaça, além de alguns óleos sintéticos que muitas vezes concorre com um preço menor e muitas vezes com características superior (DUQUE, 2004).

### O processo de implantação e instalação da fábrica brasil oiticica em Pombal-PB.

No início da década de 1930, comerciantes da cidade de Fortaleza desenvolveram algumas pesquisas

voltadas para óleos lubrificantes importados, eram estudiosos das riquezas naturais do bioma caatinga da região do Nordeste brasileiro. Tais estudos foram aprofundados em substâncias oleaginosas com o intuito de implantar a industrialização do óleo vegetal de oiticica, fruto nativo encontrado com abundância no interior do Estado do Ceará, como também em toda região do semiárido nordestino.

**Figura 6.** Escritório da Brasil Oiticica S. A.



Escritório da Brasil Oiticica S. A (Fonte: Acervo de Verneck Abrantes de Sousa)

O projeto de pesquisa era liderado por Carlito Pamplona e Franklin Gondim, solidificado em 1932 pelo senhor Morris Edward Marvin, proprietário das tintas Ipiranga. O mesmo investiu no projeto, acreditando que um estudo mais bem detalhado pelo Dr. Gardner dos Estados Unidos traria clareza sobre a densidade do óleo da oiticica, pois a comercialização desse produto dependia da experiência de transformar a densidade do óleo em um líquido permanente. “Cumprir notar que as maiores indústrias estabelecidas em Pombal, a Brasil Oiticica S/A (1934) e a Anderson Clayton S/A (1956), instalaram-se antes da inauguração da hidroelétrica, utilizando energia de geradores próprios” (WANDERLEY JUNQUEIRA, 2019).

Após a conclusão do estudo, esse grupo de empresários com experiência no setor ávido de produção identificou em 1934 que o município de Pombal apresentava dentro do seu espaço territorial uma área com uma significativa quantidade de árvore de oiticica, assim diante dos bons resultados obtidos, concluiu-se com a investigação que esse município se adequava às condições favoráveis para instalação de uma unidade filial da Brasil Oiticica S.A.

“Naqueles anos, também se instalou na cidade a Indústrias de Beneficiamento de Algodão e Oiticica: “Brasil Oiticica S/A” e a “Anderson Clayton S/A”, o que, além de empregar grande parte da população menos abastada, levou à criação da Sede Operária” (WANDERLEY JUNQUEIRA, 2019).

**Figura 7.**



Chaminé da Brasil Oiticica ainda preservada em Pombal PB. (Fonte: Acervo de Verneck Abrantes de Sousa)

De acordo com o depoimento de Cacilda Queiroga, esposa de Abdom Queiroga, um ex-gerente da Brasil Oiticica S.A unidade Pombal:

*“Eles tiveram o anúncio que uma região da Paraíba era propícia para que nela fosse instalada uma filial que era de grande valia e de grande importância porque existia uma das maiores concentrações de pés de oiticica. Então sabendo dessa notícia vieram até o município de Pombal e aqui eles comprovaram a informação de que o local era adequado para instalar uma indústria de beneficiamento de oiticica para se extrair o óleo” (agosto, 1997).*

#### **A instalação da energia elétrica em Pombal - PB.**

Um fator que contribuiu para a instalação da unidade da Brasil Oiticica no município de Pombal foi a existência ainda que precária da energia elétrica, implantada no ano de 1927, na época do prefeito Francisco de Sá Cavalcante, o serviço elétrico representou um grande progresso aos olhos da população local, uma vez que Pombal era uma cidadezinha do interior da Paraíba.

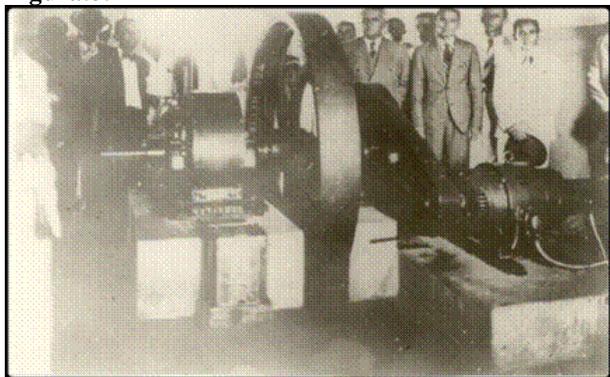
*“Nos anos imediatamente posteriores à inauguração do motor de energia elétrica, em decorrência das obras contra as secas foram erguidos em Pombal a Estação Ferroviária; a Escola João da Mata; as praças Getúlio Vargas e Centenária; o Coreto; e o Ginásio Diocesano” (WANDERLEY JUNQUEIRA, 2019 p.542).*

A instalação da energia elétrica em Pombal ocorreu durante a gestão do então prefeito Francisco de Sá Cavalcante que ao assumir em 1927 por ato do governador da Paraíba, promoveu as primeiras mudanças relacionadas a iluminação pública na cidade. A chegada da energia

elétrica transformou a rotina cotidiana da cidade proporcionando modernidade ao mesmo tempo em que modificava os costumes diários da vida da população. Durante a década de 1950, com a chegada da energia elétrica oriunda das turbinas geradoras da Usina hidrelétrica do rio São Francisco em Paulo Afonso BA, acarretou na instalação e ampliação de uma série de pequenas indústrias e estabelecimentos comerciais em Pombal gerando impactos sociais, culturais e econômicos.

No entanto, mesmo sendo gerado pela Usina hidrelétrica do Rio São Francisco em Paulo Afonso no Estado da Bahia, a energia elétrica distribuída para a cidade de Pombal era feita a partir da estação de distribuição Coremas/Mãe D'água. A energia elétrica promoveu a ampliação do número de estabelecimentos e indústrias no município de Pombal gerando impactos sociais, culturais e econômicos, fator relevante para o desenvolvimento e crescimento da cidade.

Figura.8.



Motor gerador de luz elétrica– 1927 (Fonte: Acervo de Verneck Abrantes de Sousa)

### A estação ferroviária de Pombal-PB

Em 1932 a estação ferroviária de Pombal localizada no atual Bairro dos Pereiros foi inaugurada em 24 de outubro de 1932 por meio da rede de viação cearense como ponte de linha do primeiro prolongamento do ramal da Paraíba. A rede ferroviária interligava a cidade de Pombal aos grandes centros urbanos como João Pessoa, Fortaleza e Recife facilitando a comunicação e o acesso da população pombalenses a serviços essenciais não encontrados no município. A chegada da linha férrea também corroborou para um dinamismo nos costumes locais da população, promovendo significativas mudanças na vida de muitos pombalenses.

Com a finalidade de transportar mercadorias dentre essas, a produção do óleo de oiticica fabricado em Pombal, a rede ferroviária também era via de transporte de passageiros entre a cidade e outros municípios vizinhos. A estação ferroviária de Pombal era o ponto de partida e chegada de pessoas no município, o transporte de passageiros foi extinto em 1977. A ferrovia facilitou o processo de escoamento do produto do óleo da oiticica a partir da ligação com os portos de Recife e Fortaleza. A foto a seguir destaca o prédio da antiga estação ferroviária que atualmente mantém sua arquitetura original.

## MATERIAL E MÉTODOS

### Procedimentos metodológicos utilizados

Sob o ponto de vista metodológico, esse trabalho propõe uma pesquisa bibliográfica histórica acerca de uma construção teórica baseada nos primórdios agroindustriais da cidade de Pombal, ascensão e projeção futura, bem como das possíveis contribuições para o futuro da agroindústria local.

*Essa idéia é reforçada pelo Instituto Nacional de Tecnologia-INT (2003) quando refere a que “[...] embora o futuro seja incerto, há evidências de que as tentativas sistemáticas de ganhar perspectiva sobre o presente e possíveis situações futuras têm sido úteis”.*

Como fonte de apoio bibliográfico, a pesquisa delimitar-se-á ao estudo de materiais publicados em livros, literatura de cordel, registros fotográficos, documentos e jornais antigos, periódicos ou internet.

A pesquisa terá contribuições de alguns escritores pombalenses, registros orais de antigos funcionários da Brasil SA, e de pombalenses que experienciaram fatos e curiosidades da época. Entretanto, faz-se necessário reconhecer a fundamental contribuição dos mencionados recursos para a construção da história. A instalação da Brasil Oiticica mudou os hábitos da sociedade pombalenses, pois se tratava de uma fábrica que favoreceu o emprego às diversas classes, passando do rico empresário à operários e pequenos agricultores.

Os dados levantados na referida pesquisa nos trarão embasamento teórico para posteriormente a elaboração de um livro Bilíngue ilustrado (Português/Inglês), com o tema: “Resgate e Valorização das Agroindústrias em Pombal” versus “**Rescue and Valorization of Agribusiness in Pombal**”. Além disso, trará uma contribuição a nível lingüístico e colaborativo da língua inglesa, que no universo acadêmico é de suma relevância à aquisição de uma segunda língua para execução de trabalhos científicos e aprimoramento profissional.

É importante ressaltar as dificuldades encontradas em relação ao material de pesquisa, tendo em vista a importância da empresa Brasil Oiticica para a cidade de Pombal e região, no entanto, o acervo histórico de tamanha preciosidade não se encontra bem a comodado, registros históricos deveriam estar em uma biblioteca para que estudiosos, pesquisadores e demais pessoas pudessem ter acesso e poder tomar conhecimento a respeito de uma das maiores empresas que Pombal já teve. Portanto, as dificuldades foram imensas em busca de fontes de pesquisas, através de monografias, dissertações, recortes de jornais, relatos de pessoas que trabalharam na empresa ou que vivenciaram o dia a dia da empresa, enfim, foram grandes os desafios, porém, bastante proveitoso e esperamos que seja mais uma fonte de pesquisa que possa enriquecer as bibliotecas por onde possa ser usado.

## **RESULTADOS APRESENTADOS**

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e nesse sentido, está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, do inconsciente de suas deformações sucessivas, vulneráveis a todos os usos e manipulações (VILLAS BÓAS, 2015).

Os relatos orais de personagens que vivenciaram aquela que foi segundo eles, a “bela época” dos utópicos meios empregatícios, propiciados pela recente Revolução Industrial no município, que em sua expansão, transformava, moldava, e adaptava, ou seja, disciplinando o sujeito as suas conveniências. Esses sistemas de gerenciamento em que firmava suas bases em métodos variados de dominação iam desde determinações comportamentais, até a vigilância constante de suas ações, não permitindo que o sujeito optasse por formas que não fossem padronizadas aos ditames dos fins capitalistas. Sendo assim, Foucault afirma que “permite ao poder disciplinar ser absolutamente indiscreto, pois está em toda parte sempre alerta, pois em princípio não deixa nenhuma parte as escuras e controla continuamente os mesmos que estão encarregados de controlar” (FOUCAULT, 1975).

A exposição a que se refere Foucault soa como alerta de estar, para intimidar, intuindo em sua essência o domínio imposto nos corpos, docilizando-os de forma sutil, refinada, haja vista que o ideário local se comovia por uma ótica inocente e primária. Em sendo assim, ao tentarmos proporcionar uma melhor compreensão acerca do discurso disciplinar na Brasil Oiticica S.A fizemos uma abordagem mais específica sobre: disciplinarização por meio sonoro (apito), vigilância por olhares e gestos indiscretos monitorando comportamento para fins de produção, ajustando-os às necessidades vigentes. Será levantado também a relação de paternalismo e hierarquia.

O depoimento de um dos personagens que vivenciaram aquela que foi segundo eles, a “bela época” dos utópicos meios empregatícios, propiciados pela recente Revolução Industrial, confirma-se ao relatar abaixo Sr<sup>a</sup> Benta Carneiro, citada por Wanderley que: “o povo gostou de mais! Essa indústria tirou a pobreza da miséria. Os pobres foram todos trabalhar. Todos conseguiram empregos lá, melhorou muito a vida da gente. Agora pra trabalhar lá, as indústrias exigiam que o homem fosse muito direito, exigia que ele não bebesse, mas na folga, eles bebiam. Ela exigia isso por que trabalhar com homens trabalhosos, bêbado não dava certo, né? Então ela (a indústria) exigia, só trabalhava com homens direitos. Lá tinha uma escola para as crianças desde que fundou. Todo mundo de Pombal gostou da abertura da indústria. Quem não trabalhava lá, arrumava um jeito de ganhar dinheiro. Basta!

Eu ia era vender café lá na porta. Mamãe fazia tapioca, café e outras coisas eu ia vender na porta, aos operários. Mas trabalhava mulher também lá. As mulheres trabalhavam fechando saco, eu mesma ganhei muito dinheirinho costurando sacos de estopas de um lado, e de outro, ganhava cinco mil reis. No dia dos trabalhadores tinha a missa e depois distribuía merenda para todo mundo, era ótima. Ah! No dia que chegou o relógio de ponto da Brasil Oiticica! Teve foi uma festa. Os operários

desfilaram, sabe? Fizeram uma procissão pela cidade, levando o relógio, foi festa de mais, Ave Maria! Foi muita festa, melhorou nossa vida, todo mundo gostou muito” (WANDERLEY, 2004).

Esse advindo, atreladamente transformava, moldava, e adaptava, ou seja, disciplinando o sujeito as suas conveniências. Esses sistemas de gerenciamento em que firmava suas bases em métodos variados de dominação, que iam desde determinações comportamentais, até a vigilância constante de suas ações, não permitindo que o sujeito optasse por formas que não fossem padronizadas aos ditames dos fins capitalistas. Sendo assim, comenta Foucault:

*“A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade”, que ele procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão entre aptidão aumentada e uma dominação acentuada” (FOUCAULT, 1975).*

A exposição a que se refere Foucault soa como alerta de estar, para intimidar, intuindo em sua essência o domínio imposto nos corpos, docilizando-os. As práticas disciplinares estão diluídas na sociedade em suas mais variadas esferas, ou seja, ainda que o sistema industrial capitalista imponha através da organização do trabalho um aprimoramento na criação de “corpos dóceis”, a disciplinarização social também está presente nos discursos difundidos na Igreja, na rotina escolar, na legislação, e hierarquização das classes mais pobres, enfim, uma rede que busca controlar a sociedade nas mais diversas formas, sendo assim, relata Elizabeth Sousa-Lobo:

*“Se o capitalismo depende de uma estratégia de “dividir para reinar”, a configuração dessas divisões é construída socialmente através das relações de gênero, de classe, de raças e das práticas sociais”. A superposição e articulação de distintas esferas da prática social, muito mais do que lógicas inerentes ao capital, à estrutura da família ou ao Estado constroem as práticas, reproduzem-nas, reconstroem. (SOUZA-LOBO, 1991).*

Dessa forma, ao dar início a engrenagem industrial, dar-se também o monitoramento do cotidiano de seus trabalhadores, nesse contexto destacamos o famoso “toque da Brasil”, uma utilização sonora contínuo acionado às horas determinadas no funcionamento da

indústria, controlando o tempo de chegada e saída dos trabalhadores. Pela posição geográfica do município e o alcance sonoro do “fiscal da hora”, o apito, que além de sua função orientadora para os operários, passou a influenciar no cotidiano de praticamente toda sociedade pombalenses de forma a alterar o ritmo de vida significativamente conforme citação abaixo:

*“O toque de entrada da indústria pode parecer um simples apito que controla o horário de entrada e de saída de seus funcionários, mas além dessa chamada ela vai exercer uma grande influência sobre todos aqueles que o escuta é um micro-poder que age nos indivíduos da comunidade controlando e vigiando também o seu tempo, garantindo a disciplina”.* (ARAÚJO, 1998).

Tal interferência confirma-se, e adentra os lares sem pedir licença, tomando-se ao mesmo tempo familiar e útil, segundo relata Elba Leandro citada por Araújo: “na minha casa não tinha relógio, eu sabia da hora pela Brasil, quase todo mundo era assim”. (ARAÚJO,1998).

Atentarmos a essa abrangência alcançada pelo domínio industrial nos dá uma mostra de como a cidade refletia a cada toque o processo disciplinar, pois, mesmo aqueles que não faziam parte do quadro funcional da indústria se orientavam sonoramente a seus afazeres, por essa intervenção explícita que mais agradava do que incomodava nos convencemos que a ótica local considerava-a “familiar” cotidiana normal e principalmente útil. Para obtenção da disciplina, não era somente preciso controlar a entrada e saída dos operários, mas também controlar os mesmos no interior da fábrica, utilizando técnicas de vigilância para enquadrar o operário às necessidades exigidas pela Brasil Oitocica.

De acordo com essa vertente comenta Foucault (1975) afirma que:

*“À medida que o aparelho de produção se torna mais importante e mais complexo, à medida aumentam o número de operários e a divisão do trabalho, as tarefas de controle se fazem mais necessárias e mais difíceis. Vigiar torna-se então uma função definida, mas deve fazer parte inteligente do processo de produção; deve duplicá-lo, em todo o seu comprimento”* (FOUCAULT, 1975,).

Manter o controle, torna-se uma técnica disciplinar relacionada a economia e aos fins do dispositivo onde é exercido, garantindo e assegurando aos interesses daqueles que o aplicam, os patrões, que instituíram formas adequadas de vigiar sem “agredir”, criando uma vigilância hierarquizada, onde cada um vigia a si mesmo, sem causar insatisfação nos trabalhadores, assim sendo comenta Araújo; “Essa é uma versão que traduz o pensamento do aparelho de produção e o aparelho disciplinar. O operário bom é o ágil, o obediente, que produz ao mesmo tempo que cumpre as normas se

adaptando ao tempo útil, controlado, do mundo fabril” (ARAÚJO; 1998).

Na variação das normas reguladoras, extraído dos corpos o máximo de tempo e de forças, uma vez marcado pontualmente através do relógio de ponto, outro tentáculo do emprego disciplinar podemos destacar no relato de seu Francisco Lopes, citado por Araújo: “lá tinha o relógio de ponto, a gente tinha o cartão, quando a gente entrava batia logo, picava o cartão na hora. De manhã na entrada, de 11 na saída, de uma e de 5 da tarde”(ARAÚJO; 1998).

Essa imposição simplificada imprimia disciplina, impondo sutilmente a vigência modelo postulada pela empresa. Destaca-se então o domínio além-muros que a indústria implementava através de intervenções na vida privada do indivíduo, uma vez que problemas pessoais passaram a ser resolvidos por patrões de determinados setores da indústria, no qual confirma-se no depoimento da funcionária Geralda Alves de Abrel, citada por Araujo:

*“Uma mulher me contou: Geralda quando meu marido trabalhava no Brasil ele inventou de arrumar uma namorada por fora, deixava eu em casa e ia namorar, quando descobri falei com o chefe que ele tava me maltratando e dando dinheiro a uma coitada que ele arrumou por fora, ele falou com o juiz e ela foi transportada pra fora de Pombal pra não comer a pensão dos filhos”* (ARAÚJO; 1998).

Essa forma utilizada no tratamento com os funcionários era uma maneira de fazê-los amáveis e dedicados ao trabalho, essa tática funcionava a partir do momento em que alguma necessidade eventual surgia e o patrão dissimuladamente se apresentava como uma figura paterna no auxílio da resolução do problema, ratificando a imagem de bom, familiar, “paternal”, conforme esclarece o ex-funcionário Geraldo Ferreira, citado por Araújo: “O chefe era seu Inácio da Brasil o grande chefe que nós tivemos, ninguém nunca respondeu mal a ele, todo obedecia a ele como se fosse um pai” (ARAÚJO, 1998).

Nesse sistema de dominação, destaca-se o refinamento em maquiagem os estigmas de manutenção da ordem vigente, uma vez que à medida que o trabalhador sentia bem tratado, diante da falta de oportunidade para manter um padrão de vida “digno” perante os compromissos comunitários, que iam desde o pagamento de suas contas a uma assistência social, por vezes dada pelo patrão, ocasionava de imediato o conceito que se que unânime de uma “família”.

Diante da estreita relação patrão-empregado no caso da Brasil Oitocica, o que percebemos também é que o elevado conceito de indústria empregatícia benéfica e familiar, ofuscava e isolava a idéia até aqui ausente sobre as organizações operárias, que certamente Brasil afora já se estruturava. Porém, no caso de Pombal percebe-se de acordo com Hobsbawm: “É importante recuperar o que pudemos sobre o modo como os trabalhadores pobres viviam, agiam e pensavam” (HOBSBAWM,1988).

Quando a equipe de implantação e montagem da Brasil Oiticica chegaram em nossa cidade despertou muita curiosidade por parte da população, afinal, tratava-se de pessoas estranhas a nossa cidade, no entanto, a cidade de Pombal tinha na época pouco contato com pessoas de outras regiões e por se tratarem de Norte americanos se destacavam, como conta no depoimento de José Francisco Santana:

*“Pombal era uma cidadezinha, não era como hoje, Pombal era muito pequeno, o que tinha muito aqui ao redor era roça, porque trabalhavam na agricultura e aqui ao redor era Pereiro (Aspidosperma pyrifolium Mart.) e mofumbo (Combretum leprosum)”(ARAUJO, 1998)..*

Para José Francisco Santana relata a admiração de Pombal ser uma cidade pequena do interior e poder ser escolhida para a implantação de uma empresa do porte da Brasil Oiticica. A essa empresa iria trazer de mudanças para a cidade, o que poderia mudar na vida dos habitantes da cidade? Essas indagações e curiosidades foram aos poucos sendo substituídas pela empolgação, podendo ser constatado no depoimento de Raimundo Fernandes da Silva:

*“O povo ficou perguntando: o que é aquilo? Para que é? Quem é essa gente? A gente ouvia muito e diziam: é para botar uma fábrica pra quebrar oiticica aí, oh beleza! Nós pobres né, porque ia trabalhar né? E de fato empregou muita gente desde o foguista até os que trabalhavam por fora” (ARAUJO, 1998).*

Quando os Americanos chegaram a Pombal eles demonstravam que tinham pressa em iniciar as obras e colocarem a empresa para funcionar, à medida que as instalações físicas foram sendo concluídas, em seguida as máquinas começavam a chegar e ainda em 1934 a empresa começou a funcionar, isso é perceptível no depoimento de Cacilda Queiroga:

*“Após checarem de perto aqui começaram a dar os primeiros passos para iniciar aqui onde estamos a filial da Brasil Oiticica em Pombal. Isso foi em 1934, e daí começaram as máquinas a chegar e começaram a fazer uma pesquisa através de pessoas e essas coisas. E após dois anos já estava com o pessoal com suas funções totalmente definidas e todos muito interessados, já tinha todos pegado o fio da meada e aí foi progredindo gradativamente e foi assim uma coisa fantástica” (ARAUJO, 1998).*

Analisando os depoimentos/falas das pessoas observa-se nas palavras pronunciadas a empolgação e o deslumbramento que as pessoas demonstravam diante da instalação da empresa, e essa empolgação total não era só por parte das pessoas que por ventura postulasse um posto de trabalho na empresa, mais sim de toda a comunidade

que de certa maneira seria beneficiada direta ou indiretamente com a implantação da Brasil Oiticica como conta a moradora Berta Carneiro que relata em sua fala às vendas que realizava:

*“Mãe mandava eu vender café na porta da Brasil, uma xícara por um tostão, eu ia era muito com os bules cheios para vender aos operários era a faixa de uns 600 empregados” (ARAUJO, 1998).*

Ainda de acordo com Araujo (1998), Pombal teria sido escolhida para implantação da Brasil Oiticica por possuir uma grande área com uma grande concentração de Pés de Oiticica, no entanto, observado através de informações de um grupo de empresários com grande experiência no setor, que vieram a Pombal verificar *in loco*, comprovando a viabilidade para a implantação do projeto de implantação da empresa, conforme esse depoimento:

“Eles tiveram anúncio que uma região da Paraíba era propícia para que nela fosse instalada uma filial que era de grande valia e de grande importância porque existia uma das maiores concentração de pés de oiticica. Então eles sabendo dessa notícia vieram até o município de Pombal e aqui eles comprovaram a informação de que o local era propício para instalar uma firma de beneficiamento de oiticica para se extrair o óleo” (ARAUJO 1998).

Vários depoimentos demonstram o quanto a chegada da instalação da Brasil Oiticica mudou a rotina e a economia da cidade de Pombal, isso fica bem claro no depoimento de Berta Carneiro que explica a importância da Brasil Oiticica naquele momento para sua família, onde a mesma relata que trabalhava vendendo café como forma de ajudar nas despesas da casa, já que sua mãe era viúva:

“Eu chegava e entregava o dinheiro a ela. Não era só eu não, eram várias pessoas, porque aqui não tinha meio de vida a gente levava tudo para vender na porta da Brasil, mãe fazia bolo, pão-de-ló e eu ia vender tudinho” (ARAUJO, 1998).

Berta Carneiro em suas palavras ainda relata sobre a colheita dos frutos de oiticica na região onde as crianças participavam como se fosse uma diversão:

*“Eu ia mais Mariquinha de Mané de Toinho catar fruta, só na farra, não era nem pra ganhar não eu ia na farra era só ajudando nas latas enchendo os sacos e trazia e ia estender até secar para vender. Ave Maria um divertimento, quando acabava ia tomar banho” (ARAUJO, 1998).*

Observa-se em cada relato que as pessoas demonstram ao quanto era importante na vida das pessoas essa empresa em Pombal, visto que o trabalho e o ganho recebido por ele representavam uma contribuição nas despesas da família como relata Raimunda Francisca de Melo:

*“A Brasil foi muito importante na vida das pessoas, porque, principalmente o povo*

*mais pobre, porque aproveitava a oiticica e dava pra pagar as contas. Era muito divertido, porque era eu e meus irmãos tudinho, ia todo mundo para apanhar, era uns apanhando outros medindo, porque os menores não trabalhavam muito e meu pai botava pra medir a oiticica, juntar e botar pra secar. Era importante, a gente ia de turma pra debaixo das oiticicas, tudo criança” (ARAÚJO, 1998).*

Em quase todos os depoimentos observa-se o quanto a empresa foi importante na vida das pessoas, veja o depoimento de Elba Leandro:

*“Trabalhei catando fruta, às vezes se tornava um divertimento mais era quase uma obrigação tinha que fazer aquele trabalho para ganhar algum dinheiro pra garantir o material escolar no início das aulas e não foi só uma realidade minha como de muita gente que começou a estudar naquela época” (ARAÚJO, 1998).*

Em outro momento de fala Elba Leandro relata o seguinte:

*“O que agradava no final era o banho que a gente tomava, as frutas que roubava nos sítios como: goiaba, pinha, manga, quando tinha cerca nas divisões com os pés de fruta e ainda mais tomava banho nos rios, riachos. Quando não tinha isso a gente se lameava nas poças que tinha ficado da chuva, a gente não tinha noção do que tava fazendo porque até ai a gente não tinha conhecimento do trabalho infantil e exploração infantil no trabalho, mas hoje eu caracterizo-o com o que hoje diretamente a gente foi” (ARAÚJO, 1998).*

Ainda de acordo com depoimento de Alba Leandro:

*“Saíamos de cada de manhã, levava alguma coisa pra comer, quando não algumas pessoas faziam feijão, torcinho e rapadura pra comer era o comer do dia” (ARAÚJO, 1998).*

A ausência de fontes documentais nos fez recorrer a escassas fontes de pesquisas das quais encontramos a pesquisa de Araújo, (1998) que foi a norteadora da nossa pesquisa inclusive onde encontramos os relatos por parte de ex funcionários da Brasil Oiticica, como o relato do senhor Raimundo Fernandes.

*“Eu comecei a trabalhar na Brasil de 34 pra 35, eu trabalhei 21 anos, depois sai, entrei de novo. Era assim, quando a oiticica era pouca ai terminava a safra ai a gente parava ai quando era muita oiticica a gente*

*tirava direto. Eu comecei no alicerce como pedreiro, fazendo aquele alicerce, trabalhei no cacimbão, trabalhei em tanto serviço na contagem de semente, nas presas, na refinação do óleo, nos filtros, em todo o maquinismo La eu trabalhei, fiz de tudo” (ARAÚJO, 1998).*

Os trabalhos desempenhados por eles eram os mais variados possíveis, no entanto, os mesmos faziam de tudo como relatos do senhor João Candido:

*“O primeiro serviço que eu trabalhei foi no negócio que tinha assim como uma casinha onde o maquinismo quebrava a oiticica e a palha ia para esse depósito, mas eu comecei carregando essa palha num carrinho de mão pro cinzeiro, lá pra cima pra botar fogo, ai depois eles me tiraram de lá e botaram de ajudante de serviço para trabalhar na caldeira, botar fogo” (ARAÚJO, 1998).*

A empresa dava prioridade a contratação de pessoas da região, os trabalhadores eram submetidos a vários tipos de trabalho, no entanto, aprendiam a fazer quase tudo dentro da empresa, como relata Cacilda Queiroga:

*“Eles davam prioridade as pessoas da região, mas aqui não existia nenhuma pessoa com experiência de trabalho na extração de óleo, pessoas competentes para trabalhar aqui, para essa ou aquela função, mas aqui eles tiveram paciência de trazer pessoas de grande conhecimentos de Fortaleza, não só de Fortaleza mas também de outras regiões, aqui vieram até pessoas norte-americanas que começaram a lidar com o pessoal simples daqui de Pombal e foi ensinando com paciência até que eles foram com muita boa vontade adquirindo experiência” (ARAÚJO, 1998).*

João Luiz de Andrade fez um importante relato, no qual demonstra a maneira como os funcionários a serem contratados para trabalhar na Brasil, inicialmente eram colocados em funções de apoio, a medida que iam aprendendo iam passando a exercer outras funções.

*“Eu comecei a trabalhar na sacaria, pegando peso, pegando saco, descarregando, ai quando foi com dois anos aprendi uma arte lá dentro, ai na segunda safra fui lá pra dentro e fiquei trabalhando nos extratores, ai depois faltou o ajudante de foguista, ai como eu era mais prático que os outros ai eu fui retirado pra caldeira trabalhar com Satuti ele era foguista, eu ajudante, ai aprendi a trabalhar de caldeirista também ai quando foi no outro*

*ano eles me tiraram pra trabalhar nas maquinas, ai fiquei trabalhando a base de 28 anos” (ARAÚJO, 1998).*

privilegiados em serem “levados pra dentro”, João Luiz de Andrade reata:

A relação patrão/empregado não era tão estreita, muitas vezes era dificultado até pelo próprio idioma com o relata Raimundo Fernandes da Silva:

*“Eles falavam diferente, mim incabulava, eles falavam mas eu não sabia o que era, só fazia balançar a cabeça, eram uns galegões só quem entendia era o povo mais sabido os do escritório, operário mesmo era difícil entender eu mesmo não sabia” (ARAÚJO, 1998).*

*“Entre em 58 (1958) me lembro até como hoje, era um dia de Domingo a tarde, eu entrei as duas horas da tarde, ai tava faltando operário, ai eu trabalhei oito dias com oito noites sem vim em casa. Ai eles me deram licença pra eu dormir duas noites, duas horas por noite lá. Zé Assis nesse tempo era o gerente, ai eu fiquei, trabalhei oito dias com oito noites, eu saia de uma seção ia pra outra não sabe, 12 horas de serviço, trabalhava o dia e a noite, ai eu fiquei” (ARAÚJO, 1998).*

O relato de Geraldo Ferreira dá uma idéia de quanto a Brasil Oiticica foi importante na vida das pessoas que nela trabalhavam:

Os trabalhadores eram submetidos a um tipo de domesticação disciplinar onde o indivíduo viviam a mercê das vontades e do controle dos chefes como relata João Inocêncio:

*“Quando a pessoa dizia: estou empregado no Brasil parece que tinha tudo na mão, o emprego era tão bom que a gente tinha tudo na mão, o dinheiro dava pra fazer a feira, pra tudo e sobrava” (ARAÚJO, 1998).*

*“Não tinha reunião com os operários. Os operários não tinham acesso a chefia, hoje o operário vai a uma reunião. Naquele tempo a gente não se reunia, não tinha sindicato, não tinha nada. O caba quando ia pedir um aumento, pedia a um chefe menor que tinha mais aproximação dele e podia até conseguir, as vezes ele dizia vou ver, hoje não, o caba tem sindicato, faz greve, nessa época não tinha greve, não tinha quem incentivasse ninguém né?” (ARAÚJO, 1998).*

Geraldo Ferreira em seu relato ainda acrescenta:

*“Para qualquer jovem naquela época o sonho era trabalhar na Brasil, quem fosse funcionário e vestisse aquela farda ele se sentia um grande funcionário, mesmo que fosse uma pessoa que costurasse saco, mas era um funcionário tava com a farda era do pequeno ao grande que tava La no escritório” (ARAÚJO, 1998).*

Foucault (1979) faz a uma analogia para se entender o poder político e o poder econômico dentro de uma empresa:

Luiz Marcelino em sua fala demonstra o quanto os funcionários ao serem contratados eram levados a testes:

*“Quando eu entrei lá eu era bem novinho, os caba ficava mangando de mim, eu entrei num dia arrojado lá foi um dia de sábado o dia em que entrava mais semente, ai eu pensei, oba amanhã é domingo eu to enfadado, mas como amanhã é domingo eu descanso, trabalhei até sete horas da noite, ai quando foi na hora de sair o chefe disse: quem não vier amanhã, venha receber as contas. Os caba olharam pra mim e disseram: esse não vem mais. Basta fui o primeiro a chegar no outro dia, ai eu fiquei fui melhorando eles viram meu esforço e foram me botaram lá pra dentro” (ARAÚJO, 1998).*

*“A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre aptidão aumentada e uma dominação acentuada”*

Quando os trabalhadores se referem a botaram lá pra dentro, significa que eles estão sendo levados para exercer outras funções, percebe-se que eles se sentiam

Vários relatos soam como um descontentamento dos funcionários principalmente quando se trata da questão de vigilância por parte da empresa, naquela época a mão de obra utilizada e captada na região era um a Mão de obra praticamente rural e sem qualificação, no entanto, surgem algumas queixas principalmente quando da

introdução do relógio e do cartão de ponto como relata Luiz Bernardo:

*“Tinha que chegar na hora, e o principal de tudo é o relógio, tinha o relógio que se você entrar em cinco minutos depois o cartão acusa, o cartão registra, o relógio era moderno, veio da América do Norte, todo funcionário tinha que bater o cartão que marcava a hora, e a gente sempre entrava antes da hora de entrar, meu cartão era o 29, muitos não sabiam ler mais decorava o número” (ARAÚJO, 1998).*

Cacilda Queiroga era esposa de um dos gerentes da Brasil, a qual morava dentro da empresa, em seu relato ela fala que conhecia todos os funcionários, a mesma relata sobre a implantação do relógio de ponto:

*“Existia o cartão de ponto, mas eles não estranhavam, até de certa forma, só estranhavam as pessoas que tinham má vontade e que já são bronqueiras, costumavam até chegar tarde, mas para aquelas pessoas que tem o hábito de trabalhar, são realmente pessoas responsáveis achavam que de certa forma era chique, agora para aquelas pessoas que não gostavam de trabalhar, que sempre existe aquelas pessoas que chegavam nas últimas horas, toda vida quando não tem mais o que esperar sempre já vai nos empurrões, para esses era uma chatice o ponto, mas que a maioria não, não desaprovava até gostava” (ARAÚJO, 1998).*

Ainda relacionado a implantação do relógio corrido usado para os vigias controlarem o tempo, Francisco Lopes relata como era o funcionamento:

*“Tinha o relógio de corrida que era o relógio do vigia, ele cortava o cartão de 1 a 12 dentro da fábrica em meia e meia hora, a gente cortava a noite todinha, se a gente falhasse uma vez, sabe tinha aqueles pontos, doze pontos, aí tinha a chave, aí enfiava o cartão e apertava, aí no outro dia quando levava pro escritório eles via que tava certo. Se a gente passasse por uma chave daquela o relógio dizia. A gente tinha que fazer as doze chavinhas” (ARAÚJO, 1998).*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Brasil Oiticica S. A. em Pombal foi uma empresa que diante dos fatos apontados pelos trabalhadores que nela trabalharam, pode-se afirmar que obteve sucesso, contribuindo de maneira positiva, tanto do ponto de vista econômico, como também no social. Por se tratar de uma cidade pequena onde não existia indústria na época, os moradores consideravam a empresa como uma mãe, como foi citado na fala de um ex-funcionário, referindo a mesma como sendo de onde realmente se conseguia retirar o sustento de sua família.

A questão da Brasil como muito a chamava desenvolveu um sistema controle que extrapolavam os limites da empresa, estendendo os mesmos a vida e o cotidiano dos trabalhadores chegando a atingir a família e até a comunidade.

Diante dos relatos apresentados na referida pesquisa observou-se a importância da Oiticica principalmente para a agroindústria, onde a mesma promovia um resgate social e economicamente para as pessoas da região envolvidas na atividade, pois a atividade foi responsável pelo sustento de várias famílias durante certo período de tempo.

É importante ressaltar a importância de uma pesquisa desse nível, pois, a mesma tenta resgatar uma história que por muitos já foi esquecida, ou por outros nunca se ouviu falar, porém, é um resgate de registros importantes de nossa história que servirá de base para que futuras pesquisas possam ser desenvolvidas nesse mesmo contexto.

No entanto, seria necessária a adoção de políticas públicas voltada para a cadeia produtiva da Oiticica com o intuito de desenvolver variedades que possam ser mais precoces e mais produtivas para que a região de Pombal possa voltar a ser uma grande produtora como foi no passado.

## REFERÊNCIAS

AEASA – Agência Executiva de Gestão das Águas do Estado da Paraíba. Disponível em: <http://www.aesa.pb.gov.br>. Acesso em: 07/06/2020.

ALMEIDA, Pedro Fernandes de. **Eletrificação da cidade de Pombal**. Entrevista concedida a autora. Pombal, 01 de janeiro de 2009.

ALMEIDA, Thalita Sévia Soares. **Caracterização físico-química do fruto e susceptibilidade antimicrobiana do óleo de *Licania rígida* Benth (OITICICA)**. (Dissertação) Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, Programa de Pós Graduação em Sistemas Agroindustriais, Centro de Ciência e Tecnologia de Alimentos, UFCG. Pombal/PB, 2015, 76 f.: il.U

ARAÚJO, Edinaura Almeida. **A Brasil Oiticica em Pombal**. Monografia de conclusão de curso de especialização. UFPB 1998.

- ASSIS, Ivanil Salgado de. **Eletrificação da cidade de Pombal. Entrevista concedida a autora.** Pombal, 20 de junho de 2004. codmun=251210&search=paraiba|pombal>. Acesso em: 11/06/2020.
- BANDEIRA, Edianete Farias Formiga. **Eletrificação da cidade de Pombal. Entrevista concedida a autora.** Pombal, 20 de novembro de 2008.
- BELTRÃO, N. E. M.; OLIVEIRA, M. I. P. Oleaginosas potenciais do Nordeste para a produção de biodiesel. 1. ed. Campina Grande: Embrapa Algodão, 2007. 54 p. (Série Documentos, 177)
- BRANDÃO Eliane Duarte.; DINIZ NETO, Manoel Alexandre ; ARAÚJO, Luciana Rodrigues ; SILVA, Ivandro de França da ; BARBOSA, Wagner Magno Catão e MAIOLI, Maria Gabriela Souza · Períodos de secagem na qualidade fisiológica de sementes de *Licania rigida* Benth. **Ciênc. Florest. vol.28 no.4 Santa Maria Oct./Dec. 2018**
- CARTAXO, S. L.; SOUZA, M. M. A; ALBUQUERQUE, U. P. Medicinal plants with bioprospecting potential lused in semi-arid north e astern Brazil. *Journal of Ethnopharmacology*, v. 131 (2), p. 326-342, 2010.
- COSTA, R. O. ; FERREIRA, A. C. ; BEZERRA NETO, F. C. ; SILVA, R. A. da ; GADELHA, H. S. ; NÓBREGA, J. C. S. ; BARACUHY, M. P. ; BARBALHO, G. H. A. ; MEDEIROS, A. C. ; **MARACAJA, P. B.**. Nível de sustentabilidade da produção agrícola em diferentes mesorregiõesdo Estado da Paraíba. **RESEARCH, SOCIETY AND DEVELOPMENT**, v. 9, p. e669108146, 2020.
- DUQUE, G. O. Nordeste e as lavouras xerófilas. 4. ed. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2004. 330 p.
- FILHO, Luís Abel da Silva. SILVA, Fábio José Ferreira da. QUEIROZ, Silvana Nunes de. **Nordeste industrial: a fragmentação territorial de uma região periférica.** *Rev. Econ. NE*, Fortaleza, v. 46, n. 2, p. 9-24, abr - jun., 2015.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir História da violência nas prisões. Rio de Janeiro: Vozes, 1975.
- GUIMARÃES, Adriana Karla Virgolino. Estudo do óleo de oiticica (*Licania rigida*, Benth) para obtenção de biodiesel e avaliação das suas propriedades como - Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Tecnologia, Programa de Pós-Graduação de Engenharia Química. Natal, RN, 2018. 295 f.: II
- HOBSBAWN, Eric. “Historia operaria e ideologia” In: *Mundos dos Trabalhos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988 - pp. 17-34.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE, **CENSO 2010**. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&>
- MACEDO, F. L.; CANDEIA, R. A.; SALES, L. L. M.; DANTAS, M. B.; SOUZA, A. G.; CONCEIÇÃO, M. M. Thermal characterization of oil and biodiesel from oiticica (***Licania rigida*** Benth). *Journal of Thermal Analysis and Calorimetry*, v. 106, p. 531–534, 2011.
- MAIA, G. N. Caatinga: árvores e arbustos e suas utilidades. 1. ed. São Paulo: D & Z, 2004. 413p.
- MELO, J. C.; TEXEIRA, J. C.; BRITO, J.Z.; PACHECO, J. G. A.; STRAGEVITCH, L. Produção de biodiesel de óleo de oiticica. In.: CONGRERSSO BRASILEIRO DE TECNOLOGIA DE BIODIESEL, 2, 2007, Brasília. **Anais...** Brasília, DF: MCT/ABIPTI, 2006. p.165-167.
- MELO, Naama Jessica Assis. **Potencial tóxico, citotóxico e mutagênico de extratos aquosos de *Licania rigida* (Chrysobalanaceae) em células in vivo.** Dissertação - Universidade Federal Rural do Semi Árido – UFERSA. Programa de Pós-graduação em Produção Animal, Mossoró, 2015. 68f.: il.
- MIYASAKI, Julia Santos. A Praça do Ferreira em quatro tempos: paisagismo e modernidade em Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo e Design. – 2020. 350 f.
- MORAIS, L. V. F. **Atividade antimicrobiana e antioxidante de *Licania rigida* e *Tumer ulmifolia*.** Dissertação (Mestrado em Ciências Farmacêuticas) - Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Ciências Farmacêuticas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 2015. 63f.
- OLIVEIRA, F. A. G.; PINTO, V. L.; SOUZA, L. D.; DINIZ, J. C.; SANTOS, A. G. D.; VIANNA, F. A. Síntese, caracterização e avaliação de biodiesel de óleo de oiticica (*Licania rigida* Benth) e isolamento do éster metílico do ácido licânico. *Química: ciência, tecnologia e sociedade*, v. 1 (1), p.31-41, 2012.
- PALHARES, Carolina de Castro, 1995- 2020 **Relações entre Imperialismo estadunidense e luta armada na Ditadura Civil Militar brasileira [recurso eletrônico] : o caso da Ação Libertadora Nacional.** Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Economia e Relações Internacionais - 2020.
- PINTO, G. P. Características físico-químicas e outras informações sobre as principais oleaginosas do Brasil. Recife: Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuárias do Nordeste. 1963. p.47-49 (Boletim Técnico, 18).
- QUEIROGA, V. P.; BARBOSA, C. R. C.; FIRMINO, P. T.; ALMEIDA, F. A. C. Oiticica: Exploração agrônômica

- e aproveitamento energético. 1ª ed. Campina Grande: Editora: **Ronaldo Gonçalves** de Campina Grande, 2014, 212p.
- QUEIROGA, V. P.; FREIRE, R. M.; MARINHO, D. R. F.; ALMEIDA, F. A. C.; MELO, B. A. Composição química e mineral de amêndoas de oiticica em três tempos de armazenamento. **Revista Verde, Mossoró**, v.8, n.2, p.173-177, 2013.
- RODRIGUES, Cryslaine Flavia da Silva. FILHO; Ricardo Schmidt. **O processo de industrialização brasileiro: repercussões e perspectivas**. XI Congresso Brasileiro de História e Economia e 12ª Conferência Internacional de História e Empresas: Vitória - ES, 2015.
- SCHENATTO, Fernando José Avancini; PELANCESKI, Édio; ABREU, Aline França de ABREU; Pedro Felipe de. **Análise crítica dos estudos do futuro: uma abordagem a partir do resgate histórico e conceitual do tema**. Gest. Prod, São Carlos, v.18, n.4, p. 739-754, 2011.
- SANTANA, Flávio Carreiro de. Recriando espaços, inventando lugares: memória e oralidade sobre as transformações urbanas em Pombal (1930-1950). 2007. 145f. (Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande - Paraíba - Brasil, 2007.
- SILVA FILHO, J. P. DA; SILVA, R. A, SILVA, M. J. S. DA. Potencial apícola para apis mellifera l. em área de caatinga no período da floração da oiticica (*Licania rígida* Benth). **Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável**, v.5, n.1, 2010.
- SILVA, A. A. L.; SOUZA, L. Di; SANTOS, A. G. D.; MATIAS, L. G. O. Avaliação das propriedades físico-químicas do óleo de semente verde de oiticica e produção do seu biodiesel utilizando iodo como catalisador. **Química: ciência, tecnologia e sociedade**, v. 3 (2), p.21-34, 2014
- SANTOS, Alexandre Ferreira dos A “Cadeia Velha” de Pombal – PB: discursos e diálogos na preservação do patrimônio histórico pombalense no século XXI (TCC) do Curso de Graduação em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, 2015. 74p.
- SOUSA. Vemeck Abrantes de. Um olhar sobre Pombal antiga (1906 a 1970). João Pessoa: A União, 2002.
- SOUSA. Vemeck Abrantes de. A trajetória Política de Pombal. João Pessoa: Imprel, 1999.
- SOUSA. Vemeck Abrantes de. Maringá. Série Nossa história, nossa gente. . Gráfica Martins, 2007.
- SOUZA LOBO, Elizabeth. **A classe operária tem dois sexos**, São Paulo, Editora Brasiliense, 1991.
- THOMPSON, Edward P. A formação da classe operaria inglesa – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- VIEIRA, J. M. A. **Caracterização e pré-tratamento do óleo de oiticica para a produção de biodiesel. Dissertação (Mestrado em Engenharia Química)** - Centro de Tecnologia e Geociências, Programa de Pós-Graduação em Engenharia Química, Universidade Federal Pernambuco, Recife. 2011. 87f.
- VIEIRA, J. M. A.; FILHO, J. G. A. P.; STRAGEVITCH, L.; SILVA, K. C. L.; BRITO, J. Z. Caracterização físico-química e reológica do óleo de oiticica para produção de biodiesel. Campina Grande: **Embrapa** Algodão, 2010.
- VILLAS BÔAS, Lúcia. **História, memória e representações sociais: por uma abordagem crítica e interdisciplinar**. Cadernos de Pesquisas. 45 n.156 p.244-258 abr./jun. 2015 251 revitalizações.
- WANDERLEY JUNQUEIRA, Helmara Gicelli Formiga. NETO, Pedro Junqueira de Oliveira. **Pombal, uma idéia de moderno no início do século xx: v encontro nordestino de história e v encontro estadual de história**. FIP-Patos-PB, 2004.
- WANDERLEY JUNQUEIRA, Helmara Gicelli Formiga. **O Advento Da Eletricidade No Interior Do Estado Da Paraíba-Brasil: Os Impactos Materiais E Sensíveis Na Vida Dos Habitantes Da Cidade De Pombal (De 1927 Até A Década De 1950)**. V Simposio Internacional de la Historia de la Electrificación. La electricidad y la transformación de la vida urbana y social, 2019, p. 527-547.
- WANDERLEY, Helmara Gicelli Formiga. **Cotidiano, Cultura e Lazer em Pombal: Contradições do Progresso (1927-1959)**. Dissertação de Mestrado em História apresentada à Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2009.